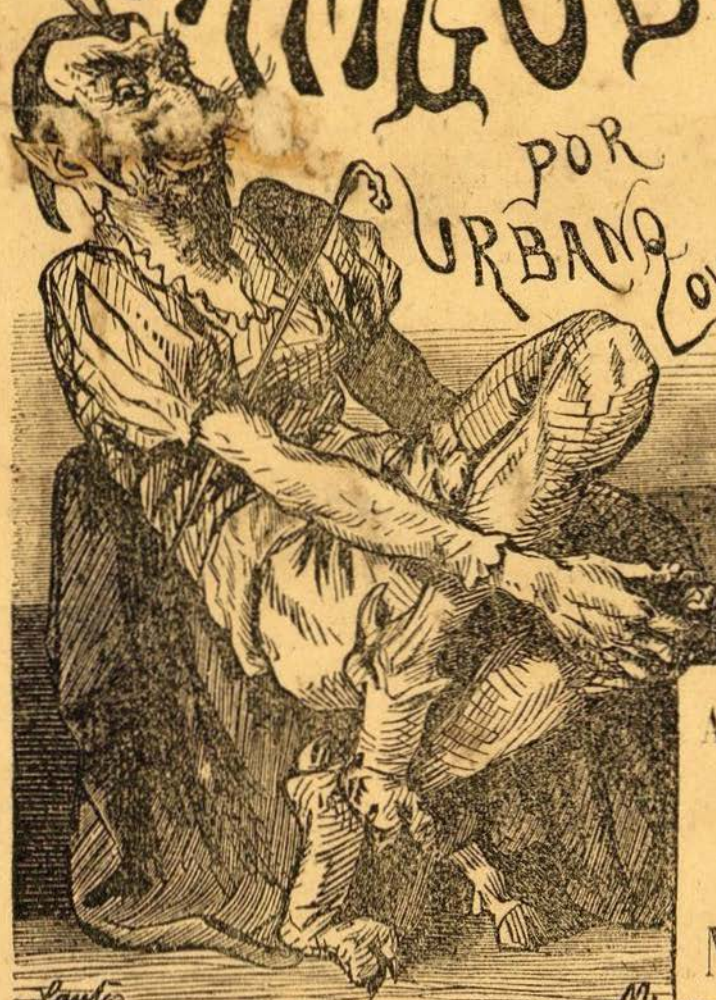


VORTUGÕES

POR
URBANO
LOUREIRO



ABRIL

DE

1877

N.º 7



URBANO LOUREIRO

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ — PERFIS DIVERSOS
— SATYRAS DA ACTUALIDADE

N.º 7

ABRIL DE 1877



La satire, comme la conscience, nous rapelle
ce que souvent nous voudrions oublier.

Madame de Blessington.

SUMMARIO

NO OLHO DA RUA. — Em nome do rei. — Desapontamento monarchico. — Illusões reaes. — O que os snrs. deputados não fizeram. — O que diria el-rei... se lhe subisse a mostarda ao nariz. — O que preferiu que dissesse o snr. de Bolama. — **CARTAS DO OUTRO MUNDO.** — 2.^a *Do Espectro de 1846 ao snr. Antonio Rodrigues Sampaio de 1877.* — Pede-lhe delicadamente desculpa. — Um espectro ingenuo. — Em nome de quem fallava s. ex.^a — Mentia. — Ao que s. ex.^a aspirava. — O ideal de s. ex.^a — Picado, tortas e covilhetes. — Uma espiga. — O povo, segundo Sampaio. — O que elle fazia no seu gabinete. — Uma qualidade imutavel. Até breve. — **BAZAR DE EMPREGOS.** — Um factó importante. — Não se commenta. — Resumo do factó. — Uma Omphale lisboeta e o Hercules das alfandegas. O que elle *fiava*. — O snr. Serpa e o snr. Santos Monteiro. — Um par de pistolas. — Discurso do snr. Serpa, suicidio do snr. Monteiro. — Uma sombra aposentada. — Ha dezoito annos. — Como o commercio engordava na cidade da Virgem. — A *porta falsa*. — Um director enobrecido e aposentado. — Quem pagou as favas. — **POLITICA AMOROSA.** — D. Antonia da Regeneração, D. Joaquina da Granja e o marquez de Carabás. — Um massó de cartas. — O annuncio do *Diario de Noticias*. — Declarações de amor. — As *Baldomeras*. — Epistolas confidenciaes. — Consulta e resposta. — **PROJECTOS DE CONSTITUIÇÃO.** — A constituição iberica. — Varios considerandos e artigos. — O PALITEIRO MO-

NARCHICO. — O homem dos palitos. — Trama democratico. — A offerta. — Os velhos discursos rançosos. — As novas armas. — Cautella! — A CALUMNIA JORNALISTICA. — No anno de 7:000. — A compra de orgãos da opinião publica. — Um orgão indignado. — Entalação d'outro. — Codigo *ad hoc*. — Ingenuidade. Politica. — **VESPAS** — *A eterna questão dos chouriços.* — *Um necrologio original.* — *Amor da arte.* — *Amabilidades partidarias.* — *Dois factos importantes.* — *Contra a fome, taponas.* — *A snr.^a D. Guiomar.* — *O snr. Bento de Freitas.* — *Luciano Cordeiro, descobridor da America.*

NO OLHO DA RUA.

Fecharam-se as camaras. Terminou o pagode.

Os snrs. deputados foram mandados embora, foram despedidos pelo snr. marquez de Bolama em nome do snr. D. Luiz I, com aquelles requintes de attenção e polidez, com que se despede um criado infiel, mandrião, relaxado, que não cumpre com os seus deveres.

— Vão-se embora! — disse s. exc.^a em linguagem palaciana — Deixai-nos!... Sua magestade está tão satisfeito com as vossas

obras, que não vos quer nem vêr! Rua!
nobres deputados! rua! é despejar!

E os nobres deputados sahiram, quebrando o joelho deante do illustre Marquez, como se fosse um idolo consagrado, e murmurando com os seus botões:

— Pois deixa estar que, para a outra vez, havemos de fazer peior!

São muito capazes d'isso!

...

Mas nós calculamos o intimo desapontamento de el-rei, o bom e credulo rei D. Luiz I, cujas palavras, cheias de confiança e de patriotismo, a dois de janeiro p. p., faziam sorrir os velhos parlamentares como o snr. Mamede e o snr. Arrobas.

Um rei com illusões! Ah! mas por quem sois, nobres representantes populares, não lh'as assopreis todas!

E S. M. não formulou no seu *discurso da coróa* uma unica esperanza, que não lh'a desfizessem os barbaros!

Quanto isso deve ser duro e cruel para um monarcha todo entregue aos negocios do seu paiz, ao futuro da sua patria!

Elle, que, segundo as suas proprias palavras, «estava certo de que os illustres parlamentares examinariam com a madureza que lhes era propria as valiosas propostas de lei que lhes seriam apresentadas»;

Elle que «confiava que tudo examinariam maduramente, e promoveriam quanto possivel os melhoramentos que o paiz justamente reclama»;

Elle que «estava certo de que se occupariam da situação da fazenda com especial solícitude»;

Elle que, finalmente «contava inteiramente com o zêlo e patriotismo de que tinham dado tantas provas no exercicio das suas elevadas funcções e confiava que, com o auxilio da divina Providencia, continuariam todos no empenho de contribuir para a felicidade publica!»

E nada! pela palavra, nada—mesmo com o auxilio da divina Providencia!

Ah! como deve ter soffrido el-rei, elle que contava... que estava certo... que confiava...—bom e credulo monarcha!

E ao considerarmos isto, nós espantamos da sua exemplar paciencia, da sua magnanima cordura!

Porque um rei, a quem trepasse um pouco a mostarda ao nariz, nem procederia assim, nem esperaria tanto tempo. Entraria uma tarde, sem se fazer annunciar, no seio da representação nacional, e subindo ao estrado da presidencia, diria:

«Snrs. deputados: Vós tendes estado a zombar com o povo, que vos mandou cá, e a defraudar o thesouro, que vos paga para propugnardes pelos legitimos interesses d'elle. Vós sois uns velhacos, que tendes estado a desacreditar o systema, ao qual devo o throno, ao qual jurei protecção! Vós sois uns intrujões, uns pelotiqueiros, uns saltimbancos! Fóra! já fóra do templo!— e brandindo um azurrague, il-os-hia enxotando a todos.

A isto, que era mais summario e mais peremptorio, S. Magestade, sempre bondoso e magnanimo, preferiu mandar que o snr. de Bolama lhes intimasse mandado de despejo.

«E não voltem cá mais!» — devia s. ex.^a
ter dito — mas não disse.

Ficou talvez para o anno...

CARTAS DO OUTRO MUNDO

2.^a

Do Espectro de 1846 ao snr. Antonio Rodrigues Sampaio de 1877.

Antonio :

Desculpa a minha rude franqueza, a minha crúa sinceridade, mas eu ainda sou o mesmo de ha 30 annos, o teu confidente, o teu cumplice, o teu interprete d'essa epocha.

Não mudei.

Tu, sim, porque não eras o que apparentavas.

Acreditei-te, segui-te, reparti-me por toda a parte, entrei na officina do artista e no paço do rei, a levar a tua palavra.

Onde quer que descobrisse olhos para lêrem e ouvidos para ouvirem, lá estava eu, orgulhoso da minha missão, porque eu era sincero.

Fallavas em nome do povo!

Fallavas em nome da liberdade!

Fallavas em nome da patria!

E fallando assim, tu eras apenas um aventureiro!

Falseavas, mentias!

Não passavas de um ambicioso vulgar, cheio de peçonha e d'inveja.

O povo, a liberdade, a patria eram-te apenas degraos.

Conseguiste o que soffregamente ambicionavas.

Envergaste a farda bordada de ministro, penetraste os humbraes da casa, cujos senhores me levaste a insultar, obrigando-me a transpor-lhe as salas e as alcovas; tornaste-te servil, abjecto, palaciano, corrupto, — um verdadeiro homem da epocha.

E', pois, crível que estranhes hoje a minha phrase moldada pela tua de ha 30 annos.

Não sei fallar d'outra maneira.

E' o meu dever de *Espectro*, Antonio;
bem o sabes.

...

Lembremo-nos um pouco, porque nem eu
vivo d'outra coisa senão do passado.

O passado para mim é tudo.

Sem o passado, eu não seria mesmo uma
sombra.

E tu, — tu és o presente.

És a enxundia, o bojo, o estomago re-
pleto, que digére largamente.

Nos momentos solemnes em que te diri-
gias ao povo e o incitavas á rebellião em
nome da liberdade, que lhe queriam usur-
par, o teu ideal estava bem longe d'ahi.

Tu proclamavas a reacção, tu concitavas
á desordem, porque só assim conseguirias
impunemente invadir a propriedade alheia,
conquistal-a, possuil-a, fazendo degráo de
quantos sacrificaste torpemente, ás escondi-
das, emboscado n'uma agua-furtada, á tua
cubiça e ambição desmarcadas!

O teu ideal sential-o, cheiraval-o tu, An-
tonio, patriota exaltado, que proclamavas a
soberania do povo aos quatro ventos do es-

paço; cheiraval-o, gostaval-o tu ás portas dos pasteleiros, d'onde, com um fumo branco e tenue, sahia um delicioso cheiro a *picado*.

Sim; o teu ideal era o *picado*.

Não negues; sei-o perfeitamente, e ainda mal que tarde.

O teu ideal foi sempre o *picado*, Antonio Rodrigues.

Porque o não adivinhou então a rainha, o rei, o paço?!—ter-se-hiam poupado bem rudes golpes, mandando-te de presente umas tortas.

Porque o não percebeu o celebre conde de *tomar*, o energico ministro do *caleche*, como então chamavas o homem que possuia a confiança da corôa?—com uma duzia de covilhetes teria liquidado as suas contas com o teu guloso patriotismo.

Felizmente para ti, o grão, deitado á terra em 1846, germinou, surgiu, verdejou, cresceu e fructificou—uma espiga!

Essa espiga ha dois mezes apenas que a mãe-patria acabou de a saborear...

Já era tempo!

...

Não tens vivido senão da traição, da calúnia.

O mais atraído, o mais calumniado tem sido aquelle de que sempre te tens servido — quando careces d'um apoio, para attingires o teu fim:

— O povo.

Atraído, quando o exaltas;

Calumniado, quando o deprimas.

Recolhe-te bem no intimo da tua consciencia, e dize-me depois se ella te não segreda que és um desprezível character, um ignobil sujeito.

Que o diga elle, o *povo*, essa entidade indefinida, que ora te merece os mais levantados elogios, ora os mais aviltantes despresos, que hontem chamaste *soberano* para hoje lhe chamares *plebe*, tu, plebeissimo Antonio.

Dizia-lhe eu, o *Espectro* de 1846, Mercurio da tua prosa viperina:

«Acorda, povo! desperta, leão adormecido! Vê que os bandidos, os covardes assalariados do paço, querem aproveitar o teu somno confiado para te deitarem correntes, para te sujeitarem a uma escravi-

dão mais infamante do que essa de que ha pouco sacudiste os grilhões.

«Ergue-te, Sansão popular, antes que mão perfida te quebre as forças herculeas, e esmaga sob o teu pé de gigante os tôrpes philisteus, que procuram aniquilar-te.

«Lembra-te que és mais do que um rei, porque és tu que fazes os reis; lembra-te que a realeza sem ti não é nada, e que ella conspira contra ti.

«Povo, desperta!»

E o povo despertou.

Mais tarde, muitos annos depois, quando tu já apertavas a tua vasta corporencia n'um luzente fardalhão, e pousavas sobre a tua cabeça aguçada um chapéu de dois bicos, o povo... que continuava a ser o povo, protestava contra certas medidas espoliadoras do governo, que defendias com a intima convicção d'um estomago satisfeito, e principiava de agitar-se.

Como lhe fallavas então?

Ouve:

«Dizem que o *povo* pretende por qualquer fórma, oppôr-se á execução das leis, que

brevemente serão submettidas á apreciação do parlamento ;

«Que, no caso de não valerem as suas reclamações perante o throno, sahirá armado para a praça...

«Mas quem é *isto*, o povo ?

«Será a canalha esfarrapada, que se vende nas eleições, que não faz a minima idéa dos sagrados direitos do cidadão, ignorante, estúpida e feroz, que está sempre disposta para o motim e para a arruaça?

«Será essa turba miseravel, que espreita das officinas e das fabricas o momento de abandonar o thear e a bigorna, o torno e a fula para, acto contínuo, invadir as casas dos patrões e arrombar-lhes os cofres?

«Ou será apenas um expediente rhetorico, um termo vazio de significação practica, um effeito theatral com que a opposição conta sempre no animo d'um governo timorato?

«Será a lama das ruas, ou a nuvem dos ares?»

Que fosse uma ou outra coisa, o que já não era com certeza, era o povo que tu

havia exaltado tanto, a quem te dirigias, e por cujos direitos pugnavas n'outro tempo.

Um de vós tinha mudado necessariamente.

E ninguém diria que fosse elle.

O povo é sempre o mesmo, — grande e justo nas suas pretensões, embora por vezes desvairado por exploradores como tu.

O povo é sempre o povo.

Tu, Antonio Rodrigues, é que nem sempre tens sido o mesmo Antonio Rodrigues.

...

Entrei hoje no teu gabinete na occasião em que te debruçavas sobre a tua banca, rabiscando umas esguias tiras de papel.

Desculpa por não me fazer annunciar.

Ainda não pude renunciar aos meus antigos habitos d'Espectro.

Acerquei-me da cadeira, em que estavas sentado, pousei-te a mão no hombro. Estremeceste.

Advinhaste-me talvez.

Em seguida passaste a mão pelos olhos, como para afastares a minha visão e proseguiste escrevendo febrilmente.

Debrucei-me sobre o espaldar da tua cadeira de braços e li no alto d'uma d'essas tiras:

«O snr. F. (havia um nome) depois de ter engolido tanta cousa, quiz engolir na sessão de quarta feira o honrado governador civil de ***. Aquellas fauces escancaradas podem engolir já o proprio Marão.»

E mais abaixo:

«Na arte da trapaça o snr. F. é insigne.»

Mas o snr. F.

«... condemnou o governador civil de *** por não consentir na patifaria...» etc...

Emendo, Antonio. Reconheço-te, velho amigo; no meio das tuas variantes, das tuas contradicções especulativas, tens sido sempre uma coisa, nem poderás ser outra — um insultador publico!

Bastará.

Adeus e crê que não me esquecerei de ti. Ver-me-has quando menos o cuides.

O teu
Espectro de 1847.

BAZAR DE EMPREGOS.

Um facto importantissimo tem agitado por muitos dias a opinião da capital.

Para isto era desnecessario que elle fosse muito importante; bastava que fosse medio-crememente escandaloso.

E o escandalo dava-se tambem.

O facto póde resumir-se no seguinte e nós, narrando-o succintamente, não temos por fim lardeal-o de commentarios esmagadores, patenteal-o, estudal-o, moralisal-o, e por fim marcar com o ferro em braza da nossa indignação, os auctores d'elle.

Não faremos nada d'isso; porque, apezar de quanto se diz da immoralidade, que lava em todas as consciencias, e que gera os indifferentes e os cynicos, não cremos que sejam necessarios ainda estes meios extremos para cada um, ao inteirar-se do facto, que nos occupa, murmurar convencido: — *infames!*

...

Resumiremos, pois.

Havia uma dama na capital, que negociava logares das alfandegas a preços fixos. Cremos até que havia uma tabella com as diversas graduações e as sommas, por que se poderiam obter, á margem — pouco mais ou menos como a lista d'uma hospedaria. Estabelecendo como base ou ponto de partida para a transacção o guarda-barreira, que teria de entregar á sobredita senhora, ao receber a nomeação, vinte libras, é facil calcular a quanto subiriam as graduações seguintes.

Uma verdadeira mina!

Resta a explicação d'este facto, na verdade extraordinario, para quem vê as coisas só com os olhos do rosto.

Eil-a, segundo uma folha de Lisboa:

A snr.^a D. ***, a dama fornecedora, tinha rendido a seus pés, como Omphale, o Hercules das alfandegas do reino, o snr. Santos Monteiro. Sómente em vez de fiar n'uma roca, á imitação do outro, s. exc.^a practicava coisa mais rendosa; assignava despachos de guardas, de aspirantes e outras mercadorias, calculando o *fiado* pela tabella supradita.

Total — uma ladroeira.

Tanto assim, que o snr. Antonio de Serpa, então ministro da fazenda, e que não era nenhuma vestal como o seu collega das obras publicas Cardoso Avelino, sentiu que o rubor lhe afogueava o rosto — um verdadeiro phenomeno! —, mandou chamar ao seu gabinete o novo Hercules, e, tão irado como fecundo, poz-lhe aos peitos um par de pistolas. Uma d'ellas tinha sido carregada até á bocca com os documentos, que comprovavam o facto incriminado, acompanhados de uma denuncia ao respectivo juiz criminal; a outra estava carregada apenas com uma simples aposentação na importancia de réis 1:200,5000 annuaes.

— Snr. Santos! — consta que lhe dissera o snr. Serpa em um tom digno d'um pai nobre de comedia. — Sei tudo! Quaesquer justificações seriam escusadas! É preciso que este negocio termine hoje, e agora mesmo!

O snr. Santos abriu a bocca para fallar. O snr. Serpa proseguiu, usando d'um gesto violento, como se fosse tapar-lhe a bocca:

— Aqui não ha fum-fum, nem fol' de fer-

reiro! O que lhe digo é o seguinte. Ou v. ex.^a desfecha no craneo, immediatamente, esta arma — e apresentava-lhe a pistola carregada com o requerimento para a aposentação com a quantia de 1:200\$000 réis, — ou eu lhe desfecho no peito esta outra! — e apresentava-lhe a segunda pistola carregada até á bocca dos documentos fulminantes.

Então o snr. Santos pegou da primeira arma, preferindo corajosamente o suicidio heroico ao assassinato vergonhoso, e desfechou em si — a aposentação, a que nos temos referido.

Um quarto de hora depois o suicida deixava o gabinete do ministro e atravessava os corredores, povoados de empregados ociosos e de pretendentes açudados, com passo vagaroso e incerto.

Muitos murmuravam, abrindo-lhe respetosamente caminho :

— É o director geral das alfandegas, que passa.

Como se enganavam! Elle era apenas a sombra do mesmo director — aposentada!

Ora ao mesmo tempo que se aposentava s. ex.^a, com um bonito ordenado, pelas razões indicadas, dois guardas, seus confidentes, eram suspensos por tempo indefinido — sem ordenado algum.

•••

Promettemos não commentar; não commentaremos. Mas seja-nos licito dizer que este facto, por mais extraordinario e immoral, que pareça, tem precedentes honrosos.

Ha cêrca de dezoito annos, no Porto, notava-se que medravam a olhos vistos certos negociantes privilegiados, de quem hoje a cidade ainda conserva pouco decorosa memoria, o que não a impede de os saudar mui respeitosa mente todas as vezes que os encontra.

Este facto da engorda dos sobreditos negociantes coincidia com o entysicamento de outros, que viam fugir os seus antigos freguezes para aquelles, cujas mercadorias eram vendidas por preços manifestamente ruinosos.

Era então director da alfandega do Porto, um cavalheiro muito estimavel, cujo nome, bastante conhecido, omittiremos aqui, porque teriamos para isso de ir interrogar a pedra funeraria, que lhe esconde o cadaver ha perto de dois annos; e cremos secundario isso para o caso, que nos propomos.

O facto é que, passados mezes, talvez annos, o mysterio desvendava-se pela denuncia de uma celebre *porta falsa*, por onde uma quadrilha de honrados negociantes, com o valioso auxilio de escrupulosos chefes fiscaes, subtrahia as suas mercadorias aos respectivos direitos, roubando a fazenda nacional em incalculaveis centenas de contos de réis.

. . .

Epilogo:

O director foi incorporado na nobreza d'estes reinos e aposentado com o seu ordenado por inteiro; os negociantes, auctores da falcatrúa, levantaram palacetes e assoalharam um luxo humilhante; os empregados subalternos, seus cumplices de ordem

muito inferior, — porque cumpriam as ordens recebidas, — eram suspensos e cremos que processados.

...

Moralidade de tudo isto:

Immoralidade, mais immoralidade, só immoralidade.

POLITICA AMOROSA.

Que ellas o estimam, que o amam, que lhe querem muito, e que foi elle o novo pomo da discordia que veio atear mais ainda, lançado na meza do orçamento, a inveja, o ciume, a raiva com que sempre se têm olhado as duas estereis quarentonas, D. Antonia da Regeneração e Mello, e D. Joaquina da Granja, não padece a menor duvida.

Temos as provas em nosso poder. É um pequeno masso de documentos recendendo perfumes exquisitos, encontrado por um amigo á porta da secretaria do ministerio do reino, e que nós commetteremos a indiscrição de publicar... a vêr se alguém sur-

ge a reclamal-o. Os documentos vêm numerados e vão por sua ordem. Eil-os :

Documento n.º 1

*De D. Joaquina da Granja ao nobre marquez
de Carabás*

Ex.^{mo} Snr.

Escrevo a v. ex.^a, porque julgo não me ter enganado na direcção do annuncio do *Diario de Noticias*, com o titulo *Rosa branca no cabello* e assignado *Um cache-nez*. Diz-me o coração que acertei, que era a mim que v. ex.^a se dirigia, quando, sob aquelle titulo, mandava publicar estas phrases sympathicas:

«Quero-te muito... Serás o meu amparo, serás a minha vida no futuro, a minha herdeira forçada. Vem para o meu lado tornar-me esta existencia facil, esta peregrinação suave. Vem aos meus braços.»

Eu vou, ex.^{mo} snr., eu corro. A minha vida pertence a v. ex.^a.

D. Joaquina da Granja.

Documento n.º 2

*De D. Antonia da Regeneração e Mello
ao mesmo titular*

Eminentíssimo snr.

Acabo de lêr um bem elaborado annuncio amoroso no *Diario de Noticias*,—*Rosa branca no cabello*, e assignado *Um cache-nez*. Tanto bastou para eu perceber que o signatario era v. ex.^a e que a pessoa que chamava a tornar-lhe a vida suave, era eu.

On revient toujours
A ses anciens amours,

como diz a canção. E visto que se lembrou de mim e me chama para o seu lado, deixe-me dizer-lhe, em.^{mo}, que o amei sempre, que jámais o pude riscar do meu coração, que tive constantemente por si o culto selvagem que os grandes genios sabem despertar em corações femininos. Amo-o e vôo aos seus braços.

D. Antonia da Regeneração e Mello.

Documento n.º 3

Do nobre marquez a cada uma das sobreditas

(CIRCULAR)

Minha nobre snr.^a

Acabo de lêr as preciosas lettrinhas que v. ex.^a teve a excelsa condescendencia de me escrever. Por ellas vejo que o meu annuncio no prestimoso *Diario de Noticias*, com o titulo *Rosa branca no cabello* e assignado *Um cache-nez*, conseguiu despertar no magnanimo coração de v. ex.^a o sentimento que eu ha muito nutria por elle. Conto, pois, minha respeitavel senhora, não desmerecer das provas de dedicação e affecto de que a missiva de v. exc.^a é interprete.

Amante extremoso,
O marquez de Carabás.

Documento n.º 4

*De D. Joaquina da Granja a s. ex.^a o nobre
marquez*

Alteza.

Permitta-me v. ex.^a que lhe dê este tratamento, antecipando o futuro n'alguns annos, ou, quem sabe até se n'alguns mezes apenas. Amo-o, amo-o loucamente, e dar-lhe-ia um throno, um sceptro, uma corôa, se eu a tivesse. Por vossa alteza seria capaz dos mais formidaveis sacrificios, por vossa alteza acabo de renegar os mais serios compromissos da minha vida, contrahidos sob a immensa abobada azulada, na presença da vastidão do Oceano, tomando por testemunha um povo inteiro. Vossa alteza prendeu-me, fascinou-me, pertenceu-lhe. Ordene vossa alteza. Eu cumprirei cegamente.

D. Joaquina.

P. S. — Abro esta carta para prevenir

a vossa alteza de que uma mulher de má nota, uma tal D. Antonia da Regeneração e Mello, se gabou em certa parte de que vossa alteza lhe consagra particular affeição. Convém que vossa alteza se precate contra os ardis d'esta infame *baldomera*.

— D. J.

Documento n.º 5

De s. ex.^a o marquez á precedente

Minha estimavel snr.^a

Se por acaso eu pudesse duvidar um instante só do sentimento, que tive a suprema ventura de lhe inspirar, bastava ter penetrado na minha alma a ponto de adivinhar o que ha de mais recondito n'ella — a esperança e a ambição de um dia ainda ser chamado *alteza*, — para lhe consagrar toda a estima e gratidão de que sou capaz. V. ex.^a fez vibrar n'essa palavra magica a mais sensível corda de todo o meu coração, e eu amo-a, minha senhora; eu adoro-a!

N. B. — Quanto a D. Antonia, a quem v. ex.^a com tanta propriedade appellida Baldomera, está tudo prevenido. Eu conheço-a demasiado para poder ser illudido por ella. É uma velha presumida, de pessimos costumes, e com uma lingua!... Má bisca, minha snr.^a; má bisca!

Amante extremo,
C.

—
Documento n.º 6

De D. Antonia ao precedente

Real Senhor :

Consinta o futuro successor dos Braganças, como já é dos Tijus-Bijus-Caburus de Bolama, que desde hoje lhe dê o tractamento de Magestade, com que a historia o galardoará um dia.

V. Magestade, pois, tem *assombrado* os povos dos dois hemispherios com o *explendor* (?) da sua gloria; por toda a parte, desde

a humilde cabana do pastor até ao soberbo palacio do opulento, não ouço senão canticos, hymnos e fados a V. Magestade, e eu, a quem tão alto potentado offereceu o seu amor e a sua herança, orgulho-me de occupar no coração de V. Magestade, o lugar de escolhida!

Podesse eu, por um acto arrojado, por um sacrificio immenso, mostrar ao mais sympathico dos homens, ao mais condecorado dos mortaes, de quanto é capaz esta paixão que me allucina, e V. Magestade comprehendaria o alcance do meu immenso amor! Só n'uma coisa resumo hoje toda a felicidade da minha vida: em ser util a V. Magestade!

Occupe-me, senhor, e eu serei a mais humilde das suas escravas.

D. Antonia da Regeneração e Mello.

P. S. — É incrível, senhor, o arrojo, a petulancia, o descaramento de uma criatura desprezível, de má vida, e filha de couro damnado, que diz chamar-se D. Joaquina, inculcando-se por toda a parte como predilecta de V. Magestade! Que um dia o ouça

e verá a intrujona, a *baldomera*, para onde lhe vão os dentes! Perdoe V. Magestade este desabafo.

D. A.

Documento n.º 7

Do nobre marquez á precedente

Estimabilissima Snr.^a

A epistola de v. ex.^a veio lançar-me n'um verdadeiro delyrio! O tractamento com que v. ex.^a me honra, e que é o cumulo de todas as minhas ambições, encheu-me de esperanças por vêr ainda realisados os meus mais queridos sonhos, as minhas mais queridas aspirações.

Ah! querida snr.^a D. Joaquina, foi v. ex.^a, mais ninguem, a unica pessoa que leu no fundo mais recondito do meu peito! Que seja amanhã o dia feliz em que eu suba a um throno — menos o de Hespanha, — e v. ex.^a immediatamente me succederá na herança que tanto ambiciona.

Mas não posso ser mais extenso ; a patria me reclama. Sempre dedicado amante,

C.

N. B. — Quanto a D. Joaquina, a quem v. ex.^a com tanta propriedade appellida Baldomera, está tudo prevenido ; etc. (*Vid.* o *N. B.* do documento n.º 5.)

—
Documento n.º 8

*De D. Joaquina a uma sua amiga
da provincia*

Minha querida :

Reatei as minhas relações com o presumido marquez de Carabás. O motivo d'este passo comprehendel-o perfeitamente, sabendo que nas mãos d'elle pára a cubiçada herança, pela qual tenho feito não poucas tristes figuras, digamol-o entre amigas, que não têm segredos.

Mas d'esta vez creio que é certo.

Não ignoras que o marquez é vaidoso, e que esta doença lhe tem augmentado prodigiosamente com a idade. Por isso tenho-o levado por ahi. Ao passo que lhe desfecho á queima-roupa as mais inflammadas deciações, dou-lhe toda a qualidade de nomes que o podem lisongear. Já lhe chamei alteza, e qualquer dia dou-lhe o tractamento de filho do sol!

O que me contraria um pouco é aquella intrujona da Antonia da Regeneração, que anda a metter-se-lhe á cara com os seus modos regateiraes e provocadores, que tu lhe conheces; mas não faz nada. Ultimamente fallando d'ella ao marquez, chamava-lhe *Baldomera*, e elle riu muito, escrevendo-me a dizer que já conhecia a rez.

Emfim, os negocios vão bem, e tu conta com uma boa posta, e os nossos afilhados, no caso em que as minhas esperanças não sejam illudidas. Tua amiga

D. Joaquina.

Documento n.º 9

De D. Antonia a uma sua comadre

Comadrinha :

Já sei que disfructa uma saude perfeita em companhia do compadre e mais familia, pois a minha é boa. Saberá que fiz as pazes com o marquez de Carabás, a quem estou dedicada de alma, vida e coração.

É sempre o mesmo bajoujo.

Em se lhe fazendo um elogio, em se lhe exaltando o vastissimo talento, em se lhe gabando mesmo o cache-nez—é uma comparação—perde a tramontana e faz tudo o que uma pessoa quer. A comadrinha bem sabe que não ha homem mais caturra nem mais vaidoso do que elle. O que vale é que uma creança leva-o pelo beijo para toda a parte.

Até chega a fazer pena!

Um dia d'estes chamei-lhe *Magestade* e o homem engoliu a pilula.

Quanto ao mais, a comadrinha já sabe que

eu, n'este negocio de ligações, não costumo dar ponto sem nó. Tem sido sempre o meu systema, e já agora não me dou com outro, minha rica. O facto é que o patarata do marquez está de posse n'este momento da herança, que eu ainda ha pouco deixei de administrar por certas complicações, que já lhe expliquei, e fazia-me bastante conta botar-lhe de novo a unha.

Como sempre, cá tenho pela prôa a rameira da D. Joaquina, que tem o despejo de fazer a côrte ao marquez, apezar de serem publicos e notorios, e até andarem em lettra redonda, as suas criminosas relações com certo bispo. Mas posso estar descansada. Elle conhece-a, segundo me escreveu, diz que é má bisca, e riu muito com um nome que lhe puz. Chamei-lhe a *Baldomera*. Tem graça, pois não tem?

Quanto ao mais, conte a comadrinha que tão depressa eu tome conta dos negocios, como o compadre será servido nas suas sessenta e tantas pretensões.

Comadre e amiga,

D. Antonia.

Documento n.º 10

Do marquez de Carabás a um amigo intimo

Meu caro conde:

Recebi a tua carta de parabens e agradeço-os gostosamente, porque me é lisonjeiro saber da existencia de amigos fieis, que exultam com a minha exaltação aos mais eminentes cargos da republica.

Coisa notavel! Quando esperava, ao tomar conta da grande herança, encontrar opposição tenaz, pelo menos por parte de uma das duas eternas candidatas, a D. Antonia da Regeneração ou a D. Joaquina da Granja, eis que se disputam a gloria de me dirigir phrazes lisonjeiras, panegyricos entusiasticos, e accesas em ciume, exercitam-se na descompostura mutua, em que são eximias, como sabes.

Acceito enternecido os elogios que ambas me tecem, porque tenho a consciencia de os merecer, mas conservo-me a respeitavel distancia de ambas.

Ha de sempre lembrar-me o corvo da fabula empuleirado, com um queijo no bico, e debaixo uma raposa dirigindo-lhe o mais encomiastico discurso. Em certa occasião o corvo abre o bico para mostrar a excellencia da sua voz e o queijo cahe-lhe, sendo immediatamente apanhado pela raposa.

Isto não quer dizer que eu seja o corvo, mas com certeza o queijo póde muito bem ser a herança cubiçada pelas duas velhas raposas que me provocam a abrir o bico. Toda a cautella é pouca.

Entretanto, estas rivalidades das duas estereis solteironas divertem-me um pouco e não me incommodam absolutamente nada. O diabo será quando embirrarem commigo fartas de esperar.

Sabes que eu não sou muito para estas coisas. Em me começando a puxar pelo cache-nez, desatremo — e lá vai o queijo.

Por emquanto insultam-se, descompoem-se, chamam-se *baldomeras*; mas qualquer dia passam a vias de facto, engalfinham-se e não sei como será. Com certeza levam-me no embrulho. Estou-lhes com meu receio. E demais, são d'uma imprudencia!

Ah! uma novidade que me enche de satisfação e de orgulho: recebi carta do Bismark. Diz-me que está um tanto constipado e recommenda-se aos amigos. Vou escrever-lhe. Adeus. Recebe um abraço do teu velho

Marquez de Carabás.

Tal é o masso de cartas que um amigo nos enviou pela posta, acompanhado d'estas linhas:

«Achei isso n'um dos corredores do ministerio do reino. Vi pelo conteúdo que se tracta de uma trama em que duas criaturas torpes e ambiciosas procuram empalmar a direcção d'uma herança, que pára nas mãos de certo marquez de Carabás, pedante como todos os marquezes, e que todavia as conhece; mas nada mais averigui. Lê e diz-me depois se devo prevenir a policia.

Teu amigo certo
Coriolano.

Resposta :

«Não previnas ninguém. O partido é igual. E attende-me: Se um dia te encontrares com quaesquer d'essas criaturas, que tu achas torpes e ambiciosas, ou mesmo com parentella sua, evita-as. O seu bafo empesta; o seu contacto enodôa; a sua torpeza é contagiosa. Observa os seus manejos muito embora, mas de longe.»

PROJECTOS DE CONSTITUIÇÃO.

O segundo projecto, que vamos offerecer á consideração dos nossos leitores e que deverá um dia ser apresentado nas côrtes portuguezas e hespanholas, é o d'uma constituição iberica, declarando-se logo a fusão das duas nacionalidades da península em um só imperio, facto de que, segundo dizem os visionarios da guerra do Oriente, estamos muito perto.

Os auctores d'este importante projecto, tres hespanhoes legitimos e dois portuguezes de lei, como os ha ainda hoje n'este degenerado torrão, alimentam, pois, as mais

dôces esperanças de vêr realisado dentro em pouco o seu grandioso sonho, disfructando as duas nações os mesmos beneficios, as mesmas regalias, e os mesmos impostos.

Podiamos desde já offerecer á consideração dos contemporaneos os nomes da commissão elaboradora de obra tão monumental; mas a sua modestia só pôde egualar o seu patriotismo, e ella impede-nos de ir além do importante trabalho que vamos trasladar para estas paginas ignoradas.

...

Projecto de constituição iberica

(Traducção livre do hespanhol)

Considerando que desde a configuração geographica da peninsula até aos instinctos pacificos e character bondoso dos habitantes de Hespanha e Portugal, tudo está aconselhando a fusão das duas nacionalidades em uma só;

Considerando que não é outro o desejo manifestado de seculos, por castelhanos e

portuguezes, entre os quaes reina a mais viva sympathia... e coisas;

Considerando que as duas nações irmãs têm a lucrar muito com tal união não só nas suas relações com os outros paizes mas no seu commercio reciproco, visto acabarem as alfandegas da raia e suas dependencias;

Considerando ainda... outros considerandos,

Resolvem as CORTES hespanholas e portuguezas, reunidas em sessão extraordinaria sob a protecção do Divino Espirito Santo, o seguinte:

Art. 1.º—Os reinos conhecidos até hoje sob a denominação de Hespanha e Portugal, ficarão para o futuro constituindo uma só nação, regendo-se pelos mesmos principios, obedecendo ás mesmas leis, disfructando as mesmas garantias, e comendo a mesma taponna.

Art. 2.º—Estes dois estados constituirão o Imperio iberico.

Art. 3.º—Será eleito pelo povo imperador da Iberia Sua Magestade El-Rei D. Afonso XII, e seu delegado na parte do imperio, que foi Portugal, o snr. D. Luiz, da casa de Bragança.

A pessoa do imperador é sagrada.

Art. 4.º—Haverá reunião de côrtes todos os annos, excepto quando Sua Magestade o imperador se dignar dispensal-as d'esta cerimonia.

As côrtes reunir-se-hão em Madrid.

Art. 5.º—A religião do Estado, com exclusão de toda e qualquer outra, continuará a ser em todo o imperio a Catholica Apostolica Romana, com todos os seus appendices.

Far-se-hão leis especiaes repressivas da liberdade de pensar, de escrever e de dizer coisas offensivas do Santo Padre, da Santa Madre e dos seus respeitaveis ministros, ainda que marotos.

Art. 6.º—A lingua hespanhola será a lingua official. Todo o empregado publico do imperio, incluindo os deputados, deverão manejar o castelhano, ou, pelo menos, o gallego.

Os jornaes serão todos escriptos na lingua hespanhola sob pena de suspensão temporaria.

O portuguez passará á cathegoria de lingua moribunda.

Art. 7.º—A lei será igual para todos;

Mesmo quando uma das partes litigantes seja castelhana e a outra portugueza;

Exceptuando-se o caso em que a primeira não tenha justiça, porque se lh'a dará.

Art. 8.º — Serão readmittidas as ordens monasticas na parte do imperio d'onde tinham sido expulsas tyrannicamente.

A ellas incumbirá prover de mestres as escólas, olhar pela manutenção da moral publica e vigiar com paternal solitudine as rodas dos expostos.

Art. 9.º — Sua Magestade o imperador da Iberia viajará annualmente pelos seus dominios de Portugal com o fim de receber as aclamações do seu povo, a quem envia muito saudar, e os aggravos que por acaso elle possa ter contra as respectivas auctoridades.

Sómente como é enorme a distancia que separa o povo da augusta pessoa do Sobe-rano, esses aggravos levarão muito tempo a subir até elle, e poderão perder-se no caminho.

Art. 10.º — Reconhecido o principio da egualdade perante a lei, a parte lusitana da peninsula contribuirá para o thesouro com

somma egual áquella em que tiver sido cotisada a Hespanha, bem como com egual numero de praças para o exercito.

Art. 11.º — Será restabelecida a pena de morte pelo fusilamento...

Comtudo para não se fazer de cada soldado um assassino, as execuções far-se-hão por meio de metralhadoras.

Art. 12.º — O povo elegerá os seus representantes livremente ;

Os quaes as respectivas auctoridades terão o direito de acceitar ou não, segundo as ordens emanadas do governo central.

Art. 13.º — O direito de reunião será plenamente garantido, com respeito a bailes, theatros, botequins e corridas de touros.

Se, porém, a reunião que se convocar fôr politica e attentoria dos *direitos adquiridos*, o governo mandará cercar de tropa o local da reunião e desfechar sobre os conspiradores.

Art. 14.º — O direito de petição será garantido.

Não serão recebidas senão as petições que vierem acompañadas de 30:000 assignaturas, de pessoas masculinas e adultas, sobre

cujos precedentes a justiça tirará uma devassa minuciosa. Verificada a idoneidade e o exemplar comportamento civil e religioso dos signatarios, estes serão attendidos. No caso contrario deverão ser processados.

Art. 15.º — Os ministerios compôr-se-hão sempre da maioria parlamentar. Esta poderá ser formada pela minoria com tanto que tenha pelo seu lado a vontade de Sua Magestade o imperador da Iberia, que vale mais que dez parlamentos juntos.

Art. 16.º — O regulo de Portugal estará sujeito ás sabias determinações do governo iberico, ao qual jurará cega obediencia.

Não poderá ser deposto,
Porém suspenso.

Art. 17.º — Haverá uma camara dos nobres, a cuja sancção estarão sujeitos os actos da camara electiva ou dos communs.

Não terá assento n'esta camara senão o candidato que provar ter dez bispos, sete generaes, tres grandes de Hespanha e um cruzado pelo menos na familia.

Em paga de relevantes serviços, Sua Magestade o imperador da Iberia, poderá conceder os bispos e os generaes que forem

precisos para qualquer ser nomeado membro da camara dos nobres.

Art. 18.º — O ex-povo portuguez jurará inteira obediencia aos poderes constituídos, devendo ser considerado revolucionario e traidor á patria o individuo, que se recusar a esta prova de reconhecimento pela nova ordem de coisas.

Pronunciado pelo crime acima designado, o réu será mettido em conselho de guerra, e executado na mesma sala da audiencia, apenas lavrada a sentença condemnatoria.

Esta circumstancia não impedirá o advogado da parte de appellar da sentença para os tribunaes superiores. É o seu modo de vida.

Art. 19.º — A instrucção publica será activada e desenvolvida nos espiritos juvenis, procurando-se ao mesmo tempo inocular-lhes o amor da virtude, do trabalho, da patria e da humanidade.

N'este intuito, ao lado de cada escóla, fundar-se-ha uma praça de touros.

Art. 20.º — Todos os nacionaes terão direito a exercer cargos, sempre que satisfaçam cabalmente as exigencias dos publicos programmas. Os portuguezes, pois, concor-

rerão com os hespanhoes todas as vezes que se julguem aptos para taes cargos.

Serão preferidos os que fallarem correntemente o castelhano.

Art. 21.º—Todo o cidadão deverá tomar pela manhã uma chavena de chocolate e fumar um charuto hespanhol, sem o que será considerado mau patriota e como tal processado.

O que, por attestado do parcho, mostrar que é pobre, em vez de chocolate poderá tomar café com leite.

O charuto e o chocolate, na sua qualidade de productos de industria nacional, serão considerados como tacita prova de adhesão aos principios estabelecidos.

Dada em Madrid aos... de... de 187...

O PALITEIRO MONARCHICO.

Noticiaram os jornaes que um sujeito de Coimbra fôra a Lisboa offerecer uma quantidade prodigiosa de palitos a Sua Magestade...

Que significa isto?

Que novo trama é este da democracia para reduzir ás mais ridiculas proporções a realeza do throno?

Diz a carta constitucional da monarchia portugueza que a pessoa do rei é inviolavel — e nós, na offerta dos molhos de palitos ao snr. D. Luiz I, vemos sophismada a carta constitucional.

No caso sujeito, a pessoa do rei é violada por uma fórmula até hoje imprevisita pelos legistas defensores da inviolabilidade monarchica.

O sujeito de Coimbra, a quem nos referimos e que não poderá deixar de ser um democrata convicto, concentrando no peito o ardente desejo de vêr por terra o throno dos nossos reis, cogitou meio de o tentar por uma fórmula inteiramente nova.

Até hoje estavamos affeitos a vêr a democracia amontoando uns sobre outros velhos argumentos gastos, antigas phrazes rançosas, repetidas ameaças ferrugentas.

O effeito, como é sabido, era nullo.

Quer ella perguntasse, e em seguida explicasse, o que era um rei constitucional;

quer ella proclamasse a soberania popular, «a unica admissivel ao presente»; quer ella finalmente ameaçasse pôr escriptos por toda a parte, nas côrtes, no paço, nas alfandegas do reino, — a gente ouvia-a com indifferença. Se essas terriveis declamações deviam alguma vez impressionar espiritos iugenuos, já tinham cumprido com a sua missão, abalando as crenças de nossos avós.

Isto mesmo comprehendeu o homem de Coimbra, que tendo delineado o seu plano, foi a Lisboa, procurar o proprio rei, sobraçando molhos de palitos; e conseguiu fallar-lhe. O que disseram, ignoramol-o, nem o refere o *Diario de Noticias*; mas o que é certo é que ao retirar-se, todo o mundo seria da *partida*.

O democrata de Coimbra tinha transformado o throno e o monarcha n'um grande paliteiro! Um e outro estavam cobertos de palitos!

. . .

Chamamos a attenção dos partidos monarchicos para este factio importantissimo. É preciso estar áleria.

Emquanto a democracia se limitou a compôr phrazes e a fazer carrancas ao throno, com o proposito de o assustar, não receamos coisa alguma; agora, porém, que principia a ter espirito, o negocio é mais sério.

Um dia estruge nos ares uma gargalhada immensa, indescriptivel, fulminante, e acabou-se tudo. Foi uma vez um throno com todos os seus appendices — a cadeira, o docel e um monarcha.

Cuidado, pois, com os rabos de palha!

A CALUMNIA JORNALISTICA.

Um dia, talvez no anno 7:000, quando no mundo houver muito menos politica e muito mais moralidade, deve custar a crer o desplante com que hoje certos individuos, tão immoraes como impolíticos, atiram á face uns dos outros com as mais torpes injurias, e o maior desplante ainda com que as recebem; por tal sorte que é uma surpresa, quando qualquer das partes replica e protesta, devolvendo a offensa ou pedindo as explicações devidas.

Por isso tem sido um verdadeiro *caso* no mundo jornalístico da capital a chamada *questão dos subsídios*, em que uma folha se mostrou melindrada com as afirmações estampadas n'uma outra.

Eil-o, o caso :

O *Diario Popular*, gazeta de opposição ao ministerio transacto, affirmou com o arrebato, que só dá o perfeito conhecimento da verdade ou o habito inveterado da calumnia, que o dito governo, além de ter dado a um jornal seu 8:150\$000 réis e arranjos typographicos a outros, comprava pela somma de 1:150\$000 mensaes, cinco *orgãos da opinião publica* — de Lisboa.

A informação parecia tão exacta, que appareciam especificadas as sommas para cada um dos cinco.

A esta affirmativa sahiu á arena a interrogar o alludido diario, com modos cavalleirosos e indignados, o *Jornal do Commercio*, que se considerava enxovalhado n'uma tal denuncia, pois que tinha sido das poucas folhas da capital que havia defendido o governo transacto.

E nenhuma folha mais se deu por offendida com a infamante denuncia!

Nem um protesto, nem uma phrase, nem uma interrogação, nada!

E exigem que os outros os respeitam, elles que não se respeitam a si! É curioso!

Provocado a explicar-se cathegoricamente, o *Diario Popular* mudou de côr, e, tendo engolido em sêco, balbuciou as seguintes desculpas, que nos denunciam bem o seu gráo de entalação:

Que elle accusara unicamente o governo por o que practicou, esbanjando os dinheiros publicos;

Que não tem nada com os jornaes vendidos, pois que, se procederam assim, foi porque entenderam em sua consciencia, que procediam bem;

Que quem dava do thesouro o que não podia dar, bem o sabia elle; quem recebia, ignorava-o totalmente, e ainda que o soubesse, não o diria; etc.

Vê-se que, pelo codigo do *Diario Popular*, n'um roubo ou furto, o receptador, conscio da origem illegitima dos objectos ou do dinheiro roubado, convertendo-o em pro-

veito proprio, é um innocente, um homem honrado, «que entendeu em sua consciencia que procedia bem!»

Santa ingenuidade!

Explicação provavel de um tal atrevimento:

A folha accusadora contava com o cynismo habitual da *Revolução de Setembro* e regulava por esta o procedimento dos seus collegas no caso sujeito.

Enganou-se com um d'elles, a quem lhes deu para ter brios. Sómente como a affirmativa era formal, recusa engolir a affronta, e anda estonteado a bater com a cabeça pelas paredes.

Resta saber o nome, que merece este irregular procedimento da folha popular, que é igual ao de outras muitas folhas, que a têm precedido.

Calúnia?

Indignidade?

Vilania?

— Não, senhores; não é nada d'isso, que cheira a melodrama; pelo contrario: é a coisa mais simples e inoffensiva d'este mundo na epocha presente. É — politica.

VESPAS

—

Não temos outro remedio senão registrar o facto, visto que tem agitado em discussões tumultuosas, a opinião nacional. É pena que estejam fechadas as côrtes, porque era negocio destinado a maior celebridade que o de Cameron.

Imaginem os senhores o seguinte:— que o nobre quartel-mestre do partido progressista, encarregado do abastecimento de viveres, o snr. José Luciano, foi a Anadia e ahi, no fundo de uns gigos de laranjas e batatas, occultou, não, depositou uns chouriços e um lombo de porco; e não tendo declarado este additamento na estação respectiva, sendo encontrados, foram multados todos, lombo, chouriços e José Luciano.

D'ahi a denuncia do *Diario Illustrado*, a

accusação do *Progresso*, a resposta do primeiro, as represalias do segundo, as revelações d'aquelle, as injurias d'este, a policia correccional do snr. José Luciano, e por ultimo as insinuações, as calumnias, as más palavras.

Mas era isto, porque uns julgavam que a multa fôra bem applicada e porque outros suppunham o contrario, entendendo de parte a parte que defendiam a causa da lei e da justiça?

Não, senhores; por quem são, deixem dormir em paz a lei e a justiça, que nem uma nem outra são chamadas aqui para coisa alguma. O que menos importa é averiguar se houve transgressão fiscal; do que mais se tracta é de lançar labéus sobre um homem conhecido na politica, desauctorisal-o, annullal-o.

Mas isto não parará aqui. Dentro em pouco nós veremos que, para desacreditarem o chefe d'um partido, os partidos contrarios, porque todos são capazes do mesmo, correrão aos fornecedores do antagonista, ao chapeleiro, ao alfaiate ou ao ten-deiro, e virão denunciar para a imprensa,

para o parlamento, que elle ainda não pagou o seu chapéu novo, o feitiço do seu ultimo collete ou a manteiga d'aquella manhã, e então é que será dar-lhe desapiadamente, á má cara, por baldas certas, rematando por lhe chamarem *caloteiro*.

Entretanto para começo, o negocio dos chouriços dá esperanças. Até ao presente os jornaes adversos ao illustre filho da Torreira ainda não reclamaram a sua cabeça; todavia juraram reduzil-o á miseria, tirar-lhe o pão quotidiano, e um d'elles já chegou a pedir para s. ex.^a uma enxovia e um púcaro com agua.

Hão de convir que não é exigente.

O necrologio, que nós julgavamos banido da nossa litteratura jornalera, ainda de tempos a tempos faz a sua apparição nas columnas dos nossos diarios, escoltado por dois travessões pretos, á laia de gatos-pingados, recitando psalmos em latim ou versos de Lamartine — em francez, quando não é incommodado Soares de Passos.

O necrologio começa e acaba de ordinario pela mesma fórma—como os requerimentos ao poder moderador.

Estes abrem quasi invariavelmente por estas palavras :

«Senhor!

«Aos pés de Vossa Magestade vem respeitosamente Fulano de tal...»

E terminam :

«Por isso espera que Vossa Magestade ordene seja deferido como requer.

E R. M.^{cê}»

Os necrologios então abrem pelo theor seguinte, *ex-abrupto* :

«Fulano de tal já não existe!

«Aquelle nobre coração, que batia ainda hontem, sacrario dos mais generosos sentimentos, já não bate!»

E rematam :

«Á sua illustre familia, pae, mãe, irmãos, manas, tios, tias, cunhados e sogra, bem como á sua inconsolavel esposa, os nossos pezames.

«A terra lhe seja leve!»

Estes necrologios têm o merito de sub-

stituir n'um jornal qualquer a secção anecdótica ou burlesca; a repetição porém das mesmas phrazes, tornou-os monotonos, e já hoje ninguem os lê.

Mas por isso mesmo é que vimos aqui denunciar um que, no remate, foge do vulgar e merece a distincção, que lhe fazemos.

Assigna-o o snr. *V. T. O. P. L. C. S.*, e registra a morte de um distincto militar, cujos feitos canta em prosa soluçada e com muitas reticencias. Depois conclue:

«Descança, cidadão! Aos nobres feitos
que eternizam teu nome eu rendo preitos,
beijando o gladio teu.

Chora commigo a patria que *aos bocados*
vê passar os seus filhos mais amados
d'arena da victoria ao mausuléo.»

Pelos ultimos versos cuidará o leitor que o decantado militar, victima da morte e do snr. *V. T. O. P. L. C. S.*, acabou n'algum campo de batalha, *a arena da victoria*, cortado pela espada inimiga, *aos bocados*?

Engano! puro engano! o chorado tenente coronel, — porque tinha essa graduação mi-

litar o cavalheiro a quem se refere o funebre elogio, — segundo a propria declaração do mesmo *V. T. O. etc.*, falleceu na sua cama, de uma congestão sorosa!

Liberdades do verso — e do necrologio!

Communicam de Madrid com mal disfarçado jubilo, — o jubilo dos amantes das corridas de touros, — que o governo hespanhol se preoccupa de um projecto sobre *liberdade de imprensa*, para ser apresentado na proxima sessão parlamentar.

Era já tempo! Acha que o abatimento em que jaz a imprensa periodica offerece á Europa liberal um tristissimo espectáculo, e quer acabar com elle por uma vez.

Não ha duvida. Projecta fuzilal-a.

Um jornal *nocturno* abriu uma secção nova com o titulo *recommendações*.

Explicando a conveniencia d'esta secção aos snrs. assignantes, dizia-lhes que tudo o

que fosse recommendado n'ella, tinha a approvação e a responsabilidade do director principal da folha, pois que os reclamos seriam feitos sómente depois de reconhecida a excellencia do objecto recommendado.

Assim, a manteiga de tal loja é magnifica — não vão fornecer-se a outra parte, — tal vinho é delicioso — corram a tal armazem, senão acaba-se, — no restaurante de tal sitio serve-se d'um modo *explendido* — ninguem vae ali que não sáia freguez.

Ultimamente na secção alludida, com a mesma convicção profunda da vespera, em que nos recommendava uma nova marca de charutos e o puro café de Moka, o escrupuloso director da folha *nocturna* preconisava em termos convictos a efficacia de alguns remedios secretos.

É levar muito longe o amor da arte!

Entre os mais amaveis epithetos com que diariamente se mimoseam as parcialidades politicas regeneradora e progressista, ha este, commum das duas: o de *baldomera*.

Baldomera é a parcialidade progressista, na opinião da parcialidade regeneradora; *baldomera* é a parcialidade regeneradora, na opinião da progressista. E n'este jogo, em que o nome da celebre banqueira madrilenha serve de pella a ambas as parcialidades politicas, uma só tem direito a protestar energicamente contra semelhante camaradagem. — A progressista? Não. — A regeneradora? Menos. — A banqueira!

No dia 25 d'este mez realisaram-se em Madrid dois factos importantes, que fizeram vibrar os nervos do arame telegraphico em varias direcções do globo.

Foi o discurso da corôa na abertura do parlamento hespanhol e a extracção da loteria de Madrid.

Todas as attenções estavam voltadas para a loteria.

Escrevem de Macau, dizendo que a fome tem sido grande n'aquelle dominio da

corôa portugueza. De Timor, porém, chegam noticias em contrario, o que nos enche de intima satisfação.

Lêmos, por exemplo, que ali, o tenente Sardinha mandára prodigalizar alguns centos de varadas, por mero capricho (bondoso coração de tenente!), ao soldado europeu n.º 46 da 1.ª companhia;

que, pela mesma occasião, recebera igual dóse um china por fumar opio;

e ainda, que o padre Carlos, superior da missão, fizera ministrar identica ração de vergastadas ao seu servo e sacristão do templo, mettendo-o em seguida na cadeia.

Como se vê, estão tomadas todas as providencias contra o medonho flagello da fome, que ameaça os de Timor. Effectivamente, enquanto Deus Senhor Nosso mandar d'este pãosinho aos pobres famintos, não ha por que os lastimemos.

Seja tudo pela divina Providencia!

Uma folha popular dizia ha dias que a distincta litterata, a snr.ª D. Guiomar Tor-

resão, brevemente daria á luz mais um volume, não desmentindo na belleza do estylo nem na gravidade dos conceitos os seus irmãos mais velhos.

Fazemos votos por que s. ex.^a tenha uma hora feliz.

O sr. Bento de Freitas, doutor em medicina e director da alfandega do Porto, tem andado n'uma agradavel peregrinação por diversas casas de jantar, depois que trocou a sua collocação de governador civil por aquell'outra, mais fixa e mais rendosa.

Com o banquete que lhe foi offerecido hontem no Palacio de Chrystal, ao que noticiam os jornaes da manhã, cremos que andam já por duzia e meia.

Póde muito bem ser que s. ex.^a não entre com o pé direito no seu novo cargo. O que não soffre a menor duvida é que entra com a barriga cheia.

La *Academia* é uma revista madrilena de litteratura, cuja redacção, composta exclusivamente de sabios, é puramente iberica.

Ha dias appareceu ahi publicado nas gazetas o summario do ultimo numero, e, entre os titulos de varios artigos, lêmos este que nos encheu de surpresa e de orgulho:

«*Descubrimiento de America per el señor Luciano Cordeiro.*»

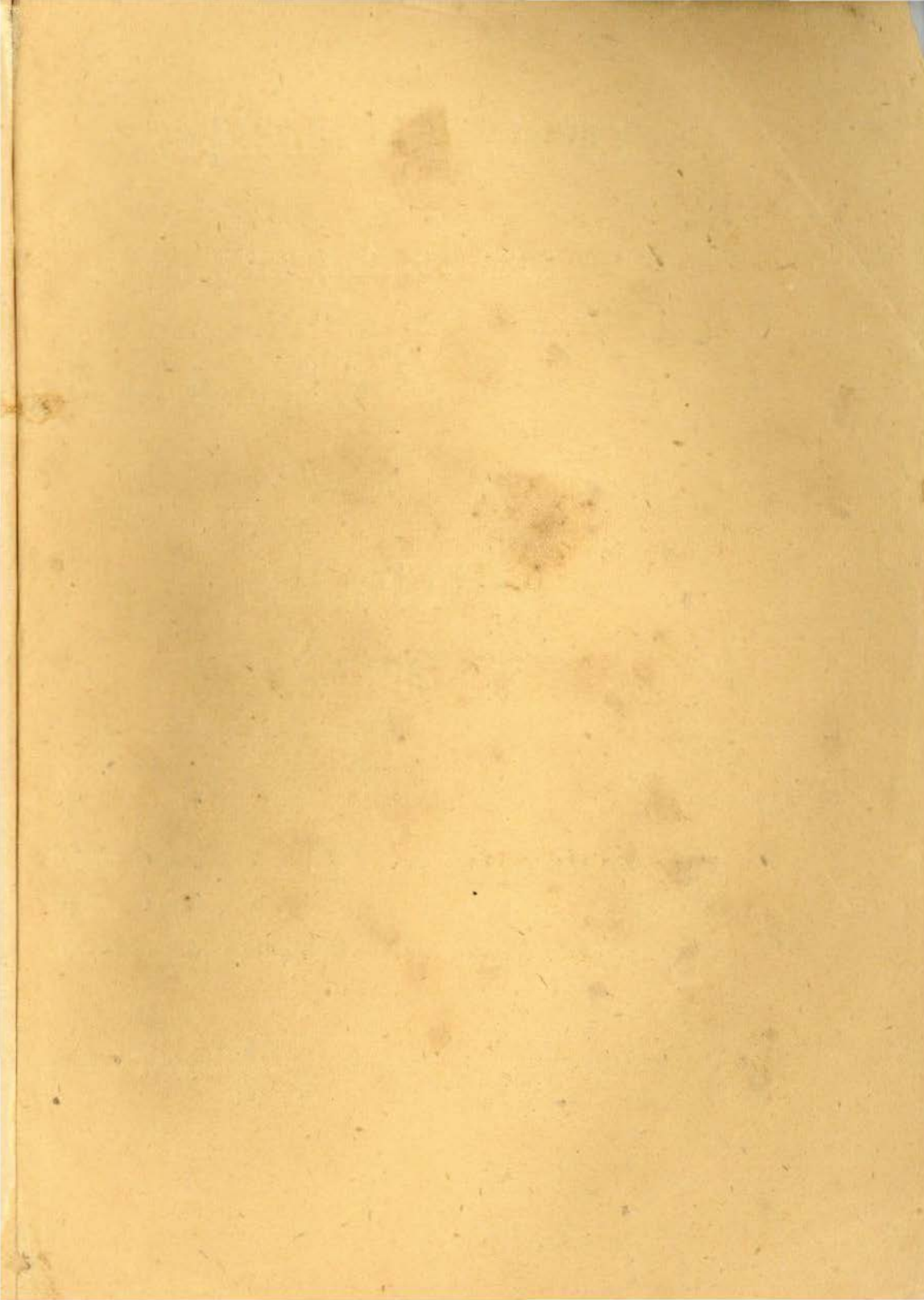
E ha ignorantes que dizem, que propagam que foi Christovão Colombo o descobridor d'aquella parte do mundo! — Luciano Cordeiro, meus senhores, Luciano Cordeiro foi quem a descobriu.

Mas ainda bem que principiam a fazer-nos justiça lá fóra. Já era tempo!

Isto por o que respeita á America.

Quanto á Oceania todo o mundo sabe que foi inventada pelo snr. Andrade Corvo n'uma das ultimas sessões da sociedade geographica.

Aproveitamos o ensejo para enviar d'aqui os nossos parabens ao snr. Luciano Cordeiro pelo seu novo *descubrimiento*.



LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

Rua de Santo Ildefonso, n.ºs 8 e 10

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ

PREÇO

Por assignatura 120 réis

Avulso 180 réis

Para as provincias accresce o porte do correio.

Porto—Typ. e Livraria Peninsular de J. de Mattos Carvalho
rua do Bomjardim, 77 e 79.